O Exército Britânico e a Contra-Insurreição: A Relevância da Cultura Militar

Tenente-Coronel Robert M. Cassidy, Exército dos EUA

O Exército Britânico tem se distinguido em todos os aspectos da contra-insurreição, incluindo a guerra de guerrilha de pequenas unidades. A história lhes forneceu um exército relativamente pequeno e descentralizado e por isso, idealmente apto para esse tipo de guerra. Por ser a Grã-Bretanha uma ilha, sua marinha, e não o seu exército, tem sido a primeira linha de defesa. Mesmo desacreditado e com falta de recursos, o Exército Britânico basicamente não foi afetado, nem em tamanho nem em organização, pela revolução sofrida pelos exércitos dos países continentais no século XIX.

— Thomas R. Mockaitis[1]

HISTORICAMENTE, a cultura britânica tem influenciado o seu Exército na abordagem das contra-insurreições. As experiências do Exército Britânico nas pequenas guerras e contra-insurreições dos séculos XIX e XX ainda são proeminentes e relevantes. As Forças Armadas dos EUA e dos seus aliados da coalizão, incluindo o Reino Unido, estão executando campanhas de contra-insurreição no Afeganistão, Filipinas, Chifre da África e em outros lugares. Uma análise das tendências culturais das Forças Armadas Britânicas no contexto de contra-insurreição é relevante porque o Exército dos EUA está se transformando sem romper o contato, e uma grande parte da transição diz respeito às mudanças culturais militares.

Se a cultura militar dos EUA tem tradicionalmente mostrado uma preferência pelas grandes guerras convencionais e se essa preferência tem impedido sua capacidade de se adaptar às pequenas guerras e contra-insurreições, então talvez possam aprender alguma das características culturais de um outro exército que tem uma maior tendência para as contra-insurreições. Em suma, a cultura militar é composta pelas crenças e atitudes dentro de uma instituição militar que formam suas preferências coletivas a respeito do emprego da força. Essas atitudes podem impedir ou gerar inovações e adaptações. Às vezes, a cultura militar mostra preferência por pequenas guerras ou por grandes guerras.[2]

Pequenas Guerras, Conflitos Assimétricos e Contra-Insurreições

Parece incontestável o fato de as grandes potências perderem as pequenas guerras quando seus oponentes recusam a enfrentá-las convencionalmente. Então, como se adaptam a lutar e vencer as contra-insurreições e as pequenas guerras? As pequenas guerras não são guerras convencionais de combate de encontro nem de estado contra estado, onde o êxito é medido pelo cruzamento das linhas de controle ou pela captura de uma colina. O conflito assimétrico e suas contradições associadas também não são conceitos novos. Embora tenha aparecido muito cedo na história antiga durante a ocupação romana da Espanha, esse termo foi empregado pela primeira vez durante a experiência americana no Vietnã.

O conflito assimétrico consiste em uma força militar esmagadoramente superior estrangeira enfrentando um país obviamente inferior ou um grupo nativo no território deste último. As contra-insurreições e as pequenas

guerras são incluídas nessa categoria, e eu utilizo esses termos alternadamente nesse artigo.[3] O conflito assimétrico às vezes começa por meio de uma insurreição com elementos irregulares ou paramilitares que utilizam as táticas de unidades pequenas, como incursões rápidas, para perturbar, emboscar, bombardear e desorganizar postos avançados, centros de controle ou as linhas de comunicações das formações convencionais. Os insurretos concentram seus ataques limitados contra as vulnerabilidades críticas das forças militares regulares para minar a esmagadora superioridade e tecnologia do seu adversário.

Se a cultura militar dos EUA tem tradicionalmente mostrado uma preferência pelas grandes guerras convencionais e se essa preferência tem impedido sua capacidade de se adaptar às pequenas guerras e contra-insurreições, então talvez possam aprender alguma das características culturais de um outro exército que tem uma maior tendência para as contra-insurreições.

A Batalha de Omdurman, em 1898, é um exemplo do ápice do estilo de guerra colonial utilizado pelos britânicos no século XIX. Essa batalha, travada no Sudão, foi uma testemunha diante da derrota decisiva do Exército nativo Mahdi, que lutou ao estilo britânico-europeu e "fugiu totalmente derrotado, perseguido pela cavalaria egípcia, acossado pelo 21° *Lancers* (cavalaria britânica) deixando para traz mais de 9.700 guerreiros mortos e, um número ainda maior de feridos.[4] Os britânicos perderam apenas 48 homens. Ao falar da Batalha de Omdurman, Mao Tse-tung observou que a derrota é um resultado inevitável quando as forças nativas lutam contra as forças modernas empregando os mesmos métodos.[5] No século XX, as forças nativas adotaram as estratégias Fabian/Maoísta fundamentadas nas ideologias nacionalistas e comunistas que desafiavam os poderes coloniais com seus números de tropas e tecnologias superiores. De fato, os registros históricos pós-Segunda Guerra Mundial mostram que a capacidade tecnológica e militar não é um indicador confiável dos resultados das pequenas guerras bem-sucedidas. No Chipre, Argélia, Áden, Marrocos, Tunísia, Indochina e no Vietnã, as forças nacionalistas nativas alcançaram seus objetivos políticos por meio de confrontações armadas contra grandes potências dotadas de forças militares convencionais sobrepujantes. Para os insurretos, a guerra assimétrica é guerra integral, mas inerentemente limitada pelas grandes potências, porque os insurretos não são ameaças diretas nem imediatas à sua sobrevivência. A mobilização militar total é politicamente impossível e considerada desnecessária. A disparidade entre as capacidades militares é tão grande e a confiança na predominância da potência militar é ainda maior, conduzindo a uma perspectiva de vitória.[6]

Pequenas Guerras: O Principal Papel do Exército Britânico

Durante as guerras napoleônicas, a Grã-Bretanha enfrentou um dilema estratégico: sua marinha era superior à da França, mas o seu exército não. A supremacia da Marinha Real garantiu que as Ilhas Britânicas continuariam invulneráveis à invasão, mas o isolamento geográfico da Grã-Bretanha e a derrota dos seus aliados no continente europeu deixaram os britânicos ineficazes no nível estratégico. A Grã-Bretanha podia atacar nas periferias da Europa napoleônica, mas sozinha não tinha condições de derrotar as forças da França. Essa situação delicada no terreno obrigou a Grã-Bretanha a adotar uma estratégia indireta de Fabian contra o Exército Francês na Espanha. O termo "Fabian" indica o emprego estratégico indireto da força e origina-se do general romano Quintus Fabius Maximus, quem conseguiu aniquilar as forças de Aníbal ao evitar batalhas decisivas durante a Segunda Guerra Púnica.

A Guerra Peninsular. Na Guerra Peninsular, o primeiro Duque de Wellington, Arthur Wellesley, utilizou métodos muito semelhantes aos empregados por Nathanial Greene nas Carolina do Norte e do Sul contra os britânicos durante a Revolução Americana. O Duque de Wellington reconhecia a superioridade de Napoleão e não quis arriscar tudo em uma batalha decisiva, portanto utilizou ataques isolados indiretos e fustigantes para forçar os franceses a se concentrarem contra sua força enquanto os guerrilheiros espanhóis consolidavam seu controle nas áreas rurais, atacando os postos avançados e as linhas de comunicações franceses.[7]

Na Guerra Peninsular, o efeito mais significativo da Grã-Bretanha foi incitar e encorajar a insurreição espanhola contra a ocupação francesa. A presença da Força Expedicionária Britânica facilitou o êxito, mas as batalhas convencionais de Wellington foram a parte menos decisiva das suas operações. A maioria das baixas francesas resultou das operações contra as guerrilhas espanholas. Wellington foi bem-sucedido em fustigar os franceses e fazer do campo um deserto onde os franceses não podiam se sustentar. Ele travou poucas batalhas durante os cinco anos de campanha. O objetivo inicial da Força Expedicionária Britânica foi fazer com que os 26.000 soldados britânicos mantivessem os 100.000 soldados franceses empenhados para impedi-los de se deslocarem para a Áustria, o principal teatro de operações na guerra.[8]

O Duque de Wellington obteve melhores resultados

com suas demonstrações e fintas do que com seus ataques. Sempre que suas forças ameaçaram um ponto, os franceses se sentiam compelidos a concentrar forças naquele local, concedendo aos guerrilheiros maiores e mais oportunidades em outras áreas. Embora as forças francesas fossem superiores em números, foram incapazes de se concentrarem contra a força combinada anglo-portuguesa de Wellington, porque os guerrilheiros espanhóis forçaram os franceses a se dispersarem para proteger suas vulneráveis linhas de comunicações.[9]

A experiência do Exército Britânico nas guerras coloniais durante o século XIX influiu significativamente na cultura militar britânica do século XX. O estilo de guerra britânico, exemplificados nas campanhas dos heróis vitorianos Garnet Wolseley, Frederick Roberts e Horatio Kitchener, refletia essencialmente tudo que o povo britânico sabia da guerra. O estilo de guerra britânico era, de fato, altamente especializado, contrastando muito com o estilo das guerras travadas entre as grandes potências industriais.

As Pequenas Guerras. A abordagem britânica enfatizava as operações de pequena escala ao invés das de grande escala; os soldados ao invés das unidades militares; e poucas baixas e vitórias fáceis ao invés de batalhas prolongadas com um grande número de baixas. Contudo, como foi evidenciado devido aos problemas do Exército Britânico nas Guerras Bôer e nas guerras mundiais, as pequenas guerras contra selvagens realmente não podiam testar um exército. Essas vitórias coloniais criaram uma percepção perigosa na Grã-Bretanha de que as guerras eram "estórias de aventuras distantes e exóticas, vencidas facilmente com a disciplina do campo de parada, no estilo britânico."[10]

Uma razão para o êxito britânico nas pequenas guerras era o desenvolvimento de um sistema militar de administração de pessoal formulado exclusivamente para tais conflitos. No início do século XIX, os políticos britânicos criaram um sistema regimental quase tribal, no qual oficiais e praças serviam juntos por longos períodos de tempo, alternando entre missões no país e no exterior. O sistema regimental forneceu um "substituto emocional" em lugar da aprovação pública da qual dependem as Forças Armadas dos EUA.[11]

O emprego quase exclusivo de soldados profissionais, ao invés de conscritos, foi outra razão para o êxito do Exército Britânico nas pequenas guerras. O emprego de voluntários profissionais nos conflitos prolongados de baixa-intensidade também aliviou as preocupações políticas nacionais, pois eles não lutavam obrigados. Os anos entre as guerras mundiais reforçaram a idéia de que uma grande guerra no continente era a exceção e não a norma. Durante o período entre guerras o Exército Britânico cumpria tarefas imperiais de policiamento da Palestina ao noroeste da Índia. Além disso, a prática de contra-insurreição durante a década de 1950 e a retirada de suas colônias na década de 60, forjou a carreira dos oficiais superiores do Exército Britânico que ainda serviam durante a década de 80.

As Contra-Insurreições. Ao final da Segunda Guerra Mundial, muitos soldados britânicos e policiais coloniais estavam familiarizados com a conduta da guerra de guerrilha. Muitas das técnicas envolvidas em uma insurreição político-militar, particularmente a guerra de guerrilha, eram simplesmente adaptações de táticas tradicionais dos rebeldes, contra as quais, os britânicos frequentemente tinham lutado no período imperial. Além da sua experiência nessa área, "a vantagem britânica apoiava-se na tradição da flexibilidade, baseada no fato de que durante o desenvolvimento das campanhas da polícia colonial foram forçados a se contentar com recursos limitados.[12]

As responsabilidades mundiais haviam dispersado um exército voluntário bastante pequeno, impedindo a manutenção de uma reserva estratégica. Ao mesmo tempo, os recursos limitados forçaram os soldados a conservarem sua munição e equipamento. Portanto, cada vez que os britânicos se defrontavam com uma rebelião ou revolta, era mais provável que reagissem de uma maneira discreta, empregando suas forças armadas com moderação e, ao mesmo tempo, procurando encontrar soluções que não exigissem um grande número de soldados e meios. "O grande âmbito das ameaças ao domínio imperial e as diferentes condições geográficas enfrentadas produziam uma necessidade constante de adaptar as respostas às condicionantes locais, evitando o desenvolvimento de uma teoria estereotipada de policiamento."[13] Assim, em 1945 quando os britânicos enfrentaram uma variedade de ameaças contra o seu domínio e influência, eles já exibiam três características importantes para combater nos conflitos de baixa-intensidade: a experiência, as habilidades militares adequadas e a flexibilidade.

No século XX, as forças nativas adotaram as estratégias Fabian/ Maoísta fundamentadas nas ideologias nacionalistas e comunistas que desafiavam os poderes coloniais com seus números de tropas e tecnologias superiores. De fato, os registros históricos pós-Segunda Guerra Mundial mostram que a capacidade tecnológica e militar não é um indicador confiável dos resultados das pequenas guerras bem-sucedidas.

A principal razão do êxito do Exército Britânico

nos conflitos de contra-insurreição era sua abordagem civil-militar integrada. As autoridades civis mantinham o controle das emergências e se responsabilizavam por uma estratégia política mais ampla e pela propaganda. O Exército Britânico operava sob controle civil e aceitava a necessidade de empregar uma força mínima. Além disso, embora preferisse as operações em grande escala nas fases iniciais de suas campanhas, o Exército Britânico tinha a tendência a ser flexível, adaptando-se às circunstâncias locais e mudando para operações descentralizadas com pequenas unidades quando se tornara óbvio que operações em grande escala não funcionariam.

Uma situação semelhante ocorreu na experiência seguinte do Exército Britânico na Irlanda do Norte. As autoridades civis permaneceram no comando, geral-

A cultura militar britânica "sugeria alguma continuidade no enfoque entre as insurreições coloniais e a Irlanda do Norte devido às crenças e atitudes muito arraigadas do exército como conseqüência das suas experiências históricas, apesar das pressões inéditas sobre o papel do Exército na província."

mente empregavam uma força mínima, novas táticas foram continuamente desenvolvidas e o controle tático foi descentralizado, havia bons laços de relacionamento com a polícia e, finalmente, o Exército reconheceu que não poderia resolver o conflito sozinho, sendo necessário uma estratégia política com uma base mais ampla.[14]

Assim, os britânicos abordaram o assunto da insurreição com a premissa de que ela não era principalmente um problema militar. Se fosse necessário, a Grã-Bretanha utilizaria mais soldados para reforçar a polícia, mas os soldados sempre apoiariam os poderes civis e seriam obrigados, exatamente como os policiais, a usar somente o nível de força necessário para restaurar a ordem.

A estreita cooperação entre o Exército e os administradores coloniais que implementavam a reforma, bem como a polícia que mantinha a ordem, era essencial à abordagem britânica nas contra-insurreições. Essas operações exigiam certo grau de descentralização do comando e controle que "foi incentivada pela tendência dos insurretos de operarem em grupos pequenos e móveis." O êxito britânico nas operações de contra-insurreição também pode ser atribuído à sociedade britânica, a qual criou um Exército "idealmente adaptado à contra-insurreição e às atitudes culturais da utilização de um exército."[15] As características culturais do Exército Britânico serviram de base para vencer as operações de contra-insurreição.

O êxito nas operações contraguerrilha exige a habilidade de desdobrar pequenas unidades em diferentes áreas e descentralizar o comando e o controle. Contudo, exércitos e comandantes acostumados a operarem de forma convencional se opõem a tais dispersões pelo fato de haverem sido adestrados para concentrar suas forças. Os britânicos, no entanto, têm um exército menos convencional cuja história de polícia imperial fazia com que as operações de segurança interna fossem a norma e a guerra convencional uma exceção. Operar com um sistema regimental também facilitava a descentralização porque as unidades do Exército Britânico estavam acostumadas a se desdobrarem em pequenas unidades por períodos prolongados em todas as partes do império. Isso capacitava as unidades a interagirem com a polícia civil e com a administração local de uma área.

Depois de 1945, o Exército Britânico enfrentou um novo tipo de insurreição baseado em uma ideologia política revolucionária e reforçada por uma doutrinação política. Contudo, a abordagem britânica em relação às pequenas guerras incluía a observação dos princípios aceitos de contra-insurreição referentes à subordinação militar, à utilização de recursos locais, à busca e coleta de informações e à separação dos insurretos da população local.[16]

O Exército Britânico travou suas campanhas após a II Guerra Mundial predominantemente nas selvas da Malásia, Quênia, Bornéo, Guiana e Dhofar e nos desertos da Palestina, Muscat, Omã, Radfán e Kuwait, sendo bem-sucedido nas operações de pequena e média escala. O Exército Britânico cooperou na obtenção de resultados políticos favoráveis à Grã-Bretanha. Em quase todos os casos onde os países ganharam novamente a sua independência, o Exército recebeu permissão para manter suas instalações nesses países.

Os britânicos eram bem-sucedidos nas pequenas guerras porque estavam dispostos a lutar do mesmo estilo que seus adversários nativos. Por exemplo, na Malásia e no Bornéo, o Exército Britânico combateu os guerrilheiros empregando pequenas unidades que operavam como os insurretos, sem fazer uso do poder aéreo nem da artilharia. O Exército combateu astuta e furtivamente. Nas poucas ocasiões em que empregou aviões de bombardeios ou artilharia, ele fracassou notavelmente.[17]

De 1939 a 1960, a estrutura social, os valores e o modo de vida pouco mudaram. Embora o corpo de oficiais britânico ainda fosse dominado pelos "cavalheiros" das camadas mais altas, o Exército continuava composto da classe trabalhadora comandados por oficiais da classe social mais alta. O poder continuou baseado nas lealdades regimentais. Isso significava que o Exército

Britânico sobrevivera às revoluções sociais nos meados do século XX, mantendo suas tradições intactas.

As Campanhas de Contra-Insurreição. A contra-insurreição na Malásia durou de 1948 a 1960 e foi a única vitória obtida por uma potência ocidental contra um inimigo que empregou a guerra revolucionária.[18] Os britânicos travaram essa guerra da mesma forma que seus adversários — com recursos limitados e se adaptando para viver e lutar no meio da selva por períodos prolongados com o mínimo de suprimentos. Eles combateram melhor e de maneira mais inteligente que os insurretos comunistas, empregando os mesmos métodos de acampamentos, emboscadas e rastreamento na selva. O Exército recolonizou, de forma extraordinária, os aldeões em aldeias novas sob a proteção do governo, minando assim a capacidade dos insurretos de viver à custa da população local. De fato, em todas as operações durante a retirada do império britânico, as técnicas de controle de distúrbios evitaram tiroteios desnecessários, assim como a brutalidade sistemática exercida por outros exércitos em situações semelhantes.

Escritório Central Britânico de Informações

Uma equipe de resgate de soldados britânicos e malaios marcham em direção a uma aeronave abatida em 1955.

A campanha do Exército Britânico na Malásia foi, em muitos aspectos, o protótipo de campanha contra-insurreição, mesmo tendo levado vários anos para se adotar uma estratégia de contra-insurreição e 12 anos para finalmente derrotar os guerrilheiros. Embora as tropas regulares, os aviões e o equipamento sofisticado tivessem bastante impacto na derrota dos insurretos, os britânicos não teriam vencido sem o apoio do Exército Federal, da Guarda Nacional, da Força Policial e das Forças Especiais Maláio-Chinesa e da maioria da população civil. As medidas militares, os regulamentos de emergência e a conquista de corações e mentes derrotaram os insurretos comunistas. Os britânicos venceram as guerrilhas na Malásia porque o Exército Britânico estava pronto para vencê-los no seu próprio jogo. O Exército Britânico no total teve 509 baixas e eliminou 6.710 dos 12.000 insurretos na Malásia.[19]

À exceção das guerras da Coréia e das Malvinas, quase todas as campanhas em que o Exército britânico

combateu durante a Guerra Fria foram contra-insurreições. As experiências de pequenas guerras do Exército Britânico foram obtidas ao longo dos períodos que o império foi estabelecido, mantido e desenvolvido. Apesar do enfoque estratégico na Europa depois de 1967 e a mudança para uma doutrina orientada para manobras na década de 80, a predileção cultural do Exército Britânico para as operações de não guerra permaneceram constantes.

Irlanda do Norte. Durante a insurreição na Irlanda do Norte, soldados especializados nas áreas de apoio militar assumiram papéis que diretamente afetaram a missão de policiamento imperial. As guarnições dos carros de combate e os artilheiros desempenharam as funções da infantaria porque não havia suficientes soldados para substituí-los. Em agosto de 1969, o Exército Britânico foi chamado para prestar ajuda militar ao poder civil na Irlanda do Norte. A tarefa inicial das tropas foi proteger os católicos em Londonderry. Contudo, o Exército Republicano Irlandês (*Irish Republican Army — IRA*) tinha a meta de eliminar tantos soldados britânicos quanto possível para influenciar a opinião pública britânica e forçar o Governo Britânico a retirar suas tropas. O *IRA* adotou a estratégia de terrorismo e guerra de guerrilha; táticas tão bem-sucedidas que o Exército Republicano Irlandês Tradicional decidiu juntar-se à insurreição, emboscando uma patrulha do Exército Britânico em maio de 1971.

O pior momento do Exército Britânico na Irlanda do Norte ocorreu quando o Regimento Pára-quedista matou 13 homens e feriu mais 13 em um domingo no início de 1972, mais tarde conhecido como "Domingo Sangrento". Posteriormente, o Exército Britânico na Irlanda do Norte melhorou tanto seus métodos de informações, tática e adestramento que, em 1975, cuidava e resolvia os mesmos problemas com táticas incrementadas e operações de informações mais sofisticadas. Como resultado, o Exército Britânico obteve experiências únicas no patrulhamento urbano, operações sigilosas e na destruição de bombas.[20]

A cultura militar britânica "sugeria alguma continuidade no enfoque entre as insurreições coloniais e a Irlanda do Norte devido às crenças e atitudes muito arraigadas do exército como conseqüência das suas experiências históricas, apesar das pressões inéditas sobre o papel do Exército na província."[21] As experiências aprendidas com as inúmeras pequenas guerras propiciaram ao Exército Britânico um discernimento excepcional na guerra de contra-insurreição.

Embora os dias tranqüilos das operações contra-insurreição britânicas acabassem com a Emergência na Malásia na década de 60, os exemplos da Irlanda do Norte e do Omã indicaram que os princípios que fundamentavam seu conceito de contra-insurreição ainda são valiosos. Em suma, os princípios britânicos de contra-insurreição são: o mínimo emprego da força, a cooperação civil-militar para conquistar o apoio da população e a descentralização de comando e controle sustentada por um sistema regimental que cria a iniciativa nos oficiais subalternos.

A capacidade do Exército Britânico para lutar nos conflitos de baixa intensidade continuou sendo o enfoque principal, mesmo depois da decisão de retirar as tropas a este de Suez. Embora essa decisão fosse tomada para resolver o dilema entre a Europa e o império a favor do continente, ainda existiam legados coloniais. As instituições do Exército Britânico foram influenciadas mais pelos contínuos conflitos coloniais do que pelas intensas, porém infreqüentes, guerras continentais. Além disso, os períodos entre as maiores guerras européias não se caracterizavam pela paz, mas pelas permanentes guerras imperiais.

A influência da Irlanda do Norte em perpetuar as atitudes e experiências do Exército Britânico nos conflitos de baixa intensidade é também importante. Apesar dos conflitos subseqüentes como a Guerra das Malvinas e a Guerra do Golfo Pérsico, não se pode negar a profunda influência da experiência de Ulster na cultura do Exército Britânico. O compromisso com a Irlanda do Norte melhorou bastante o treinamento, movimento, desdobramento, logística e moral do exército, bem como causou grande impacto nas vidas dos soldados britânicos.[22]

Durante o século XX, os britânicos desfrutaram de notáveis êxitos em contra-insurreições. Derrotaram os insurretos comunistas na Malásia, os Mau Mau no Quênia e a Organização Nacional de Guerreiros para a Liberdade no Chipre. O exército também se envolveu em duas campanhas depois da era imperial. De 1970 a 1975, os soldados britânicos assessoraram as Forças Armadas do Sultão do Omã contra os nacionalistas de Dhofari. De 1969 a 1995, tropas britânicas conduziram operações de segurança interna na Irlanda do Norte. As lições aprendidas das primeiras campanhas de contra-insurreição influenciaram grandemente a resposta do Exército Britânico às insurreições mais recentes. De fato, quando o General Frank Kitson comandou as tropas britânicas em Belfast, nos primeiros anos da década de 70, ele aplicou com êxito, as lições aprendidas durante a emergência Mau Mau no Quênia.[23]

A Doutrina e os Princípios Britânicos

Embora muita da doutrina oficial britânica não estivesse formulada até o último quartil do século XX, ela foi baseada nas lições aprendidas durante o policiamento imperial no Oriente Médio, na Índia e na Irlanda. Até mesmo durante as guerras napoleônicas, o Exército

Departamento de Defesa

Fotografia tirada imediatamente após a explosão de um carro-bomba em Belfast.

Britânico se considerou uma força inferior participando de um conflito assimétrico e, portanto foi compelido a combinar a estratégia convencional de Fabian com o emprego de guerrilhas espanholas para dispersar e sobrecarregar a capacidade francesa. O Exército Britânico considerava a contra-insurreição e as pequenas guerras como norma.[24]

A história e a geografia insular auxiliaram a moldar um pragmático e indireto enfoque britânico para a sua estratégia. O policiamento imperial, a segurança interna e a contra-insurreição foram considerados papéis normais para o Exército Britânico. As operações de estabilização têm dominado as experiências do Exército Britânico e foram aceitas como essenciais à instituição. Embora o Exército tenha sido bem-sucedido na maioria das guerras convencionais, grande parte da sua história considerou seu papel expedicionário de combater na Europa continental como anormal e secundário. O policiamento imperial e as operações subseqüentes de segurança interna e contra-insurreição têm sido as missões predominantes do Exército Britânico. O sistema regimental se adaptou bem às exigências das operações internas, mas o policiamento imperial e o sistema regimental impediram a preparação para conflitos convencionais no continente.

Ao longo do tempo, os anos de experiência em pequenas guerras e contra-insurreições têm caracterizado o Exército Britânico como uma instituição com normas definidas sobre o emprego da força em tais operações. Portanto, os britânicos aceitam indiscutivelmente que devem utilizar a mínima força necessária, mas apenas quando imprescindível. Os britânicos também parecem ser mais pacientes quando tratam com problemas prolongados de segurança interna, o que provavelmente se atribui a uma tradição de operar com unidades pequenas e autônomas em lugares isolados e longínquos. Além disso, a reação às baixas é mais bem caracterizada como necessária para cumprir a missão. A história de aceitar baixas limitadas em lugares remotos por razões obscuras tem deixado os britânicos mais tolerantes às perdas. O Exército Britânico não tenta evitar as baixas e não parece averso a elas. Também, devido a uma história de recursos limitados, o Exército não depende muito da tecnologia como única solução.

O Exército Britânico concentra-se principalmente em pequenas guerras, sendo composto de unidades de infantaria, cavalaria e artilharia leves. Sua agilidade e logística austera capacita-os a operar eficazmente nos remotos e variados ambientes operacionais. A

falta de uma estrutura de comando centralizada tem encorajado os oficiais subalternos e sargentos a utilizarem a iniciativa. Devido ao fato de que o ambiente de pequenas guerras (ou contra-insurreições) será predominante em um futuro previsível, as observações de um especialista militar sobre o Exército Britânico são relevantes: a promoção dos valores de descentralização, o aligeiramento, a qualidade de adestramento e a coesão das unidades são igualmente importantes para as pequenas guerras do futuro como o foram para as do passado.

Nos finais do século XX, a experiência do Exército Britânico nos Bálcãs tinha mais em comum com seu passado colonial do que com suas experiências de combate na Europa. O persistente conflito de baixa-intensidade na Irlanda do Norte era considerado como a última etapa da retirada imperial.[25] A reconstrução nacional e a contra-insurreição em terreno difícil e entre antigos inimigos também exigem forças especializadas, de elite, ligeiras, coesas e taticamente versáteis. As atuais operações no Afeganistão, Iraque, Filipinas, Chifre da África e em outros lugares onde as Forças Armadas dos EUA, em conjunto com as forças da coalizão, estão conduzindo longas guerras de contra-insurreição também enfatizam a importância desta observação.[26] ***MR***

Referências

1. MOCKAITIS, Thomas R., *British Counterinsurgency, 1919-60* (Nova York: St. Martin's Press, 1990), p. 146.

2. Para ler as análises sobre a cultura organizacional e militar, veja SCHEIN, Edgar, "*Organizational Culture,*" *American Psychologist* (fevereiro de 1990): p.111; KIER, Elizabeth "*Culture and Military Doctrine: France Between the Wars,*" *International Security* 19 (primavera de 1995): p.66; KLEIN,Yitzhak "*A Theory of Strategic Culture,*" *Comparative Strategy* 10 (1991): pp. 5-6, 10,13; MACMILLAN,Alan "*Strategic Culture and National Ways in Warfare: The British Case,*" *Rusil Journal* 140 (outubro de 1995): p. 33; LORD, Carnes "*American Strategic Culture*," *Comparative Strategy* 5 (outono de 1985): pp. 273-74; CASSIDY, Robert M. *Peacekeeping in the Abyss: British and American Peacekeeping Doctrine and Practice after the Cold War* (Westport, Connecticut: Praeger, 2.004), p. 7.

3. O termo conflito assimétrico aparece em MACK, Andrew "*The Concept of Power and Its Uses in Explaining Asymmetric Conflict*," Londres, *Richardson Institute for Conflict and Peace Research*, 1974.

4. CHURCHILL, Winston S. *The River War* (Londres: Prion, 1962), p.218.

5. BOLGER, Daniel P. "*The Ghosts of Omdurman*," *Parameters* (outono de 1991): pp. 28-31; MAO TSE-TUNG, citado em KATZENBACH, E.L. Jr., "*Time, Space, and Will: The Political-Military Views of Mao Tse-tung*" en ed., GREENE,T.N. *The Guerrilla and How to Fight Him* (New York: Praeger, 1962), pp.14-15.

6. MACK, pp.126, 132.

7. GATES, David "*The Transformation of the Army 1783-1815*," in *The Oxford History of the British Army* (New York: Oxford University Press, 1996) pp. 157-58; LIDDELL, B.H. Hart, *Strategy*, 2ª edição. (New York: Praeger, 1967), pp. 26-27. Também veja HART, Liddell *The British Way in Warfare* (New York: The Macmillan Company, 1933), p. 97.

8. HART, Liddell. *Strategy*, pp.110-11, 114-17; FRENCH, David. *The British Way in Warfare: 1688-2000* (Londres: Unwin-Hyman, 1990), p. 111. Em 1810, os franceses desdobraram 350.000 homens para a Espanha, mas apenas podiam empregar 90.000 para invadir Portugal. Tinham que usar o resto para combater a insurreição e guardar as linhas de comunicações. Em 1810, as forças de Wellington eram compostas de 50.000 homens.

9. *Ibid*.

10. BARNETT, Correlli. *Britain and Her Army: 1509-1970* (New York: William Morrow and Company, 1970), p. 324.

11. COHEN, Eliot A. "*Constraints on America's Conduct of Small Wars,*" *International Security* , (outono de 1984): pp. 172-73.

12. PIMLOTT, John "*The British Army: The Dhofar Campaign, 1970-1975*" in eds, BECKETT, Ian F.W. e PIMLOTT, John. *Armed Forces and Modern Counter-Insurgency* (New York: St. Martin's Press, Inc., 1985), pp. 16-19.

13. *Ibid*.

14. MCINNES, Colin. *Hot War, Cold War: the British Army's Way in Warfare 1945-1995* (Washington, Distrito de Columbia: Brassey's, 1996), p. 182.

15. MOCKAITIS, "*Low-Intensity Conflict: the British Experience,*" *Conflict Quarterly* (inverno de 1993): pp. 8 e 10; MOCKAITIS, "*A New Era of Counter-Insurgency,*" *The RUSI Journal* (primavera de 1991). p. 75.

16. MOCKAITIS, "*Low-Intensity Conflict,*" p.11; e BECKETT. "*The Study of Counter-Insurgency: A British Perspective,*" *Small Wars and Insurgencies* (abril de 1990): pp. 47- 49. Para mais exemplos, veja *Small Wars: The Principles and Practice,* 3ª edição. (Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1996), pp. 125-49.

17. DEWAR, Michael *Brushfire Wars: Minor Campaigns of the British Army Since 1945* (Londres: Robert Hale, 1990), pp. 180-81.

18. BARNETT, pp. 487-89, 484-85.

19. DEWAR, pp. 43-44.

20. *Ibid*., 15; STRAWSON, John "*The Thirty Years Peace*," in eds, CHANDLER e BECKETT, *The Oxford History of the British Army,* pp. 350-52.

21. MCINNIS, pp. 149-50; BULLOCH, Gavin "*Military Doctrine and Counter-Insurgency: A British Perspective,*" *Parameters* 26 (verão de 1996): p. 4; MOCKAITIS, "*A New Era of Counter-Insurgency,*" pp. 75-76.

22. STRACHAN, Hew "*The British Way in Warfare,*" in eds, CHANDLER, David e BECKETT. Ian *The Oxford History of the British Army,* (New York: Oxford University Press, 1996), pp. 408-409; STRAWSON, p. 348.

23. O insurreto George Grivas chamava sua organização clandestina no Chipre a *Ethniki Organosis Kyprion Organiston* (Organização Nacional de Lutadores Cipriotas).

24. MOCKAITIS, "*A New Era of Counter-Insurgency,*" p. 75.

25. STRACHAN, pp. 404-405.

26. RECORD, Jeffrey *Beyond Military Reform* (New York: Pergamon-Brassey's, 1988), pp. 84-85.

O Tenente-Coronel Coronel Robert M. Cassidy é Ajudante Especial do Grupo de Iniciativas do Comandante Geral do Exército dos EUA na Europa. Possui o título de Bacharel pela Fitchburg State College, *o de Mestre e PH.D pela* Boston University *e* Fletcher School of Law and Diplomacy*, e é graduado da Escola Combinada de Defesa da França. É autor de* Peacekeeping in the Abyss: British and American Peacekeeping Doctrine and Practice after the Cold War *(Westport, Connecticut: Praeger, 2004). Seu artigo: "Vencendo a Guerra da Pulga: Lições da Guerra de Guerrilha" foi publicado na edição brasileira de Janeiro-Fevereiro de 2005 da Military Review.*